



## **Agroecologia e Sementes crioulas no MPA Bahia: a experiência da camponesa e guardiã Dona Nice**

*Agroecology and Creole Seeds in the MPA Bahia: the experience of the peasant and guardian Dona Nice*

SILVA, Leomárcio Araújo da.

Camponês assentado pela Reforma Agrária no PA Pajeú, militante e coordenador do Coletivo de Soberania Alimentar do Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA) na Bahia, leomarcio.mpa@gmail.com

### **RESUMO EXPANDIDO TÉCNICO CIENTÍFICO**

#### **Eixo Temático: Biodiversidade e conhecimentos dos Agricultores, Povos e Comunidades Tradicionais**

**Resumo:** Partindo do processo de pesquisa realizado no Mestrado em Educação do Campo na Universidade Federal do Recôncavo (UFRB) que tinha por objetivo, refletir sobre a contribuição do Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA) na agroecologia a partir da análise de experiências produtivas dentro dos territórios de atuação, destacamos para este breve resumo, dentre as 13 (treze) experiências estudadas, a experiência praticada na base social do MPA na Bahia no município de Jacobina-BA dentro da experiência construída pela mulher e camponesa Dona Nice, guardiã de sementes crioulas a partir do seu fazer cotidiano da agroecologia.

**Palavras-chave:** sementes crioulas; soberania; biodiversidade; mpa; agroecologia.

#### **Introdução**

A experiência é um termo médio necessário entre o ser social e a consciência social: é a experiência (muitas vezes a experiência de classe) que dá cor à cultura, aos valores e ao pensamento. É por meio da experiência que o modo de produção exerce uma pressão determinante sobre outras atividades e é pela prática que a produção é mantida. (THOMPSON, 1981, p. 112). Para Thompson:

a experiência é exatamente o que constitui a articulação entre o cultural e o não cultural, uma metade dentro do ser social, a outra metade dentro da consciência social (THOMPSON, 1987, p. 314).

Os indivíduos, camponeses e camponesas que praticam a agricultura e quiçá praticam a agroecologia ao longo de suas vidas, alcançam outra dimensão, ultrapassando de uma prática para uma experiência do indivíduo dentro de um coletivo.

#### **Metodologia**

Neste breve resumo a partir do processo de estudo realizado no Mestrado em Educação do Campo na Universidade Federal do Recôncavo (UFRB), destacamos, dentre as 13 (treze) experiências estudadas, as experiências praticadas na base social do MPA na Bahia a partir das Sementes Crioulas e o fazer cotidiano da



agroecologia. Aqui o autor, enquanto camponês em mestrado, se coloca na condição de sistematizador das experiências de preservação das sementes crioulas da camponesa e guardiã Dona Adelice, mais conhecida por “Dona Nice”, atuante no município de Jacobina-BA.

(...) as multinacionais da agricultura química têm que eliminar centenas de sementes para patentear apenas uma. Esta eliminação de tantas variedades é um atentado aos camponeses e à humanidade, pois, ao se destruir essas variedades, se reduz a biodiversidade, nos tiram riqueza alimentar e cultural mundial. Além disso, as multinacionais buscam vincular suas sementes a toda cadeia de produção agrícola, para dominá-la com seus insumos. As sementes têm muitos significados que unem a humanidade. Nelas há ciência, espiritualidade, sabedoria. Tudo isto perdemos quando perdemos as sementes, inclusive o direito de continuar sendo camponês” (PANCHA, 2013, p.1).

Vivemos em um contexto em que há dois modos de produção, o agronegócio e a agricultura camponesa, em que o primeiro defende os interesses do capital, e o segundo se demonstra como modo de vida e modelo alternativo de resistência e garantia da vida tendo como pilar fundamental a agroecologia. Diante dessa realidade, existe uma movimentação por parte do campesinato no sentido de, ao mesmo tempo, garantir sua existência resistindo à ofensiva do capitalismo no campo em seus diferentes aspectos, e seguir semeando vidas no intuito de colher uma verdadeira autonomia e liberdade. Daí nasce a indispensável relação entre as sementes crioulas, a agroecologia e a vida.

As sementes crioulas que aqui tratamos, refere-se também às mudas, os animais, as ervas medicinais, as plantas ornamentais, enfim todas as espécies preservadas pelos camponeses/as garantindo o autossustento e bem-estar das famílias e da comunidade que se mantém de geração em geração. Cabe destacar que não tem como falar de agroecologia sem fazer uma profunda conexão com as mulheres camponesas e as sementes crioulas com vistas à soberania alimentar que segundo a Via Campesina define se como:

[...] o direito dos povos a definir suas próprias políticas e estratégias sustentáveis de produção, distribuição e consumo de alimentos que garantam o direito à alimentação a toda a população, com base na pequena e média produção, respeitando suas próprias culturas e a diversidade dos modos camponeses de produção de comercialização e de gestão, nos quais a mulher desempenha um papel fundamental (VIA CAMPESINA, 2001).

Partindo disto, o presente resumo é um dos frutos da pesquisa realizada no Mestrado em Educação do campo na UFRB, onde a tarefa foi relacionar, a partir das experiências do MPA, o papel socioprodutivo e educativo do fazer camponês e do caráter pedagógico das experiências das mulheres camponesas no desafio de territorializar a agroecologia a partir do seu pensar e agir.



## Resultados e Discussão

### Sementes crioulas a partir da experiência da guardiã camponesa Dona Nice

Trata-se de uma relação inseparável, por isso, se faz pertinente relatar a experiência de uma camponesa guardiã demonstrando na prática a concretude dessa relação permitindo uma sintonia, aparentemente impossível, nos aspectos político, econômico, social e cultural.

A Dona Adelice, mais conhecida por “Dona Nice”, é uma mulher camponesa e guardiã multiplicadora de sementes crioulas na Bahia. A partir dela tem-se a experiência do Banco de Sementes Familiar. Exemplo de luta no território pela preservação das sementes crioulas, Dona Nice é residente no distrito de Paraíso, município de Jacobina – Bahia e, ao longo dos anos, se consolidou como uma guardiã das sementes crioulas, juntamente com toda sua família.

**Figura 01: Dona Nice em seu Banco de Sementes Crioulas.**



Fonte: Arquivo MPA, 2021.

A motivação inicial de “Dona Nice” em relação às sementes crioulas, para além de uma ação geracional, foi a de ter sementes sempre que viesse o período de plantio e, com o passar do tempo, a partir da sua percepção da importância desse trabalho sua motivação passou a ser também a de doação e troca das sementes para que as outras pessoas possam também ter dessas sementes. No “dia a dia” o trabalho é constante e merece atenção desde o plantio, renovação, armazenamento e supervisão das sementes, quando se trata de sementes que não tem ainda no banco de Sementes o procedimento é de plantio da metade e armazenamento da outra metade adquirida no sentido que prevenção caso ocorra uma perda.

O Banco de Sementes familiar coordenado por Dona Nice, conta hoje com 210 (duzentas e dez) variedades, desde hortaliças, frutíferas, nativas, medicinais, feijões, milho, legumes, verduras... enfim, uma grande e bonita diversidade. A vivência de Dona Nice se dá na utilização de dois tipos de área. Uma em sequeiro onde são plantadas as sementes mais resistentes ao período de estiagem como o andu, mangalô, as medicinais, e outra é de irrigação localizada perto de um rio,



utilizada para as que demandam mais de água a exemplo da melancia e demais hortaliças de forma geral.

Ela também tem sua contribuição na socialização dessa experiência/vivência a partir de participação em 4 (quatro) feiras e 3 (três) exposições. É destaque e ganhou alguns prêmios com sua disposição e gosto por ser uma guardiã multiplicadora de Sementes Crioulas. Salientamos ainda, sua contribuição com múltiplas variedades para a Campanha Nacional do Movimento dos Pequenos Agricultores MPA: “Cada família adote uma semente”.

Nesse sentido, em 2018 ela e sua família receberam a visita da Caravana Internacional da Via Campesina composta por 5 (cinco) países com propósito de conhecer o trabalho com as sementes crioulas realizado pelo MPA, em que conheceu sua experiência e durante a visita queriam entender como ela produzia e armazenava tantas sementes no semiárido, e ela com sua simplicidade dizia que:

trabalhar com as sementes a gente aprende, entendemos como ela quer ser produzida não precisa de veneno, o que precisa é nós ter nossas sementes guardadas e adaptada ao nosso clima semiárido.

A experiência da guardiã de sementes crioulas, da agrobiodiversidade, para além do que foi relatado até então, tem proporcionado uma troca de saberes e vivências que vem contribuindo no enriquecimento das pessoas envolvidas, em especial, vale destacar as mulheres e juventude. Como podemos observar na fala de sua neta Jucimaria Santos:

tem sido um aprendizado porque a gente sabe hoje que uma parte da juventude não tem o interesse de permanecer na roça porque não tem o incentivo, pra mim, nesse momento eles são o incentivo que eu precisava”. Ela se envolve no processo do trabalho, desde a limpeza, plantio, colheita etc.

Ao mesmo tempo percebe-se uma troca da jovem para com sua referência, quando ela inicia sua atuação também no MPA, no sentido de trazer aprendizados que contribuíram no melhoramento do trabalho de multiplicação das sementes e relação com terra e a natureza, adotando, de forma intensa uma prática agroecológica. Exemplo disso foi a extinção do uso, que ainda se fazia mesmo em pequena quantidade de agrotóxicos. A mudança foi a adoção de técnicas agroecológicas que contribuíram nesse manejo e mudanças de práticas de produção, a exemplo da água de pimenta, urina de vaca, bioinsumos dentre outros.

Tendo como desafio o fortalecimento da agroecologia e das relações sociais, essa experiência explicita sua contribuição nos desafios ligados à juventude e às mulheres numa sociedade fortemente patriarcal, concentradora dos meios de produção e da riqueza exploradora. Enfim, em que a desigualdade social paira e o peso recai na classe trabalhadora e dentro dela na classe camponesa. Com isso, cabe destacar avanços importantes demonstrando que no trilhar dessa construção há várias outras construções conectadas.





Destacamos, nesse momento, a questão da renda familiar, em que após se juntar o histórico conhecimento de Dona Nice e o conhecimento adquirido por Jucimaria na participação social e dentro do MPA tem proporcionado retorno financeiro como podemos observar na fala da jovem camponesa Jucimaria:

todo esse trabalho tem um retorno, quando você vai para as feiras tem a venda...então não tem por que sair do campo. Antes era só plantar para comer, hoje a gente já tem um retorno financeiro.

Os desafios permanecem, e as ações ligadas a agroecologia são ferramentas não só de garantir a permanência e vida no campo, mas de fortalecer o elo entre o campo e a cidade através da alimentação saudável embutida de relações que perpassam por princípios e valores que alimentam também nosso modo de viver, de ser de agir na construção de uma sociedade justa, igualitária, solidária. Cada um/a de nós somos sementes desse caminhar e que precisa germinar e semear novas sementes para que se prolifere permanentemente a vida.

## **Conclusões**

O desafio deste resumo é compartilhar experiências agroecológicas a partir das vivências do pesquisador, que é na base social do MPA como exercício de visibilizar as resistências territoriais construídas pelos/as camponeses/as no seu fazer agroecologia cotidiano. Ao mesmo tempo em que este trabalho se torna um dos caminhos, instrumento para compartilhar saberes e ações que vão sendo produzidos no fazer político do campesinato em ação e produção e, no caso em específico, produzido pelos/as camponeses/as do MPA na Bahia no desafio do fazer educativo permanente de territorializar a agroecologia enquanto modo de vida.

## **Referências bibliográficas.**

PANCHA, Francisca. *Sementes nativas são a base da soberania alimentar. Envolverde Jornalismo*. 2013.

MPA. *Arquivos do MPA*. BA: 2021, MPA Bahia (documentos internos).

VIA CAMPESINA. *Soberania alimentar: Fórum Mundial sobre Soberania Alimentar*, Havana, 2001.

THOMPSON, Edward Palmer. *A miséria da teoria*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

THOMPSON, Edward Palmer. *A formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.